

Mandioca

Desequilíbrio na cadeia

OS PRODUTORES de mandioca sofrem com o desequilíbrio entre preço de venda e custo de produção. Mais de 90% da produção da raiz destinam-se às indústrias de amido, cujo parque industrial no País é de cerca de 90 unidades processadoras. A capacidade anual instalada ultrapassa a casa de 900 mil toneladas de amido.

A área nacional de produção de mandioca permanece praticamente estável nos últimos quinze anos. As oscilações não são significativas. Já a produção apresentou uma elevação de 8% no período.

Brasil: indústria de fécula

Consumo diário de matéria prima	15.000 toneladas
Rendimento industrial	25%
Dias de trabalho	240
Produção (mil toneladas)	900

Fonte: CEPEA

Na safra 2005/06 houve uma reversão nas perspectivas iniciais. O quadro de maior oferta da matéria prima pressiona para baixo os preços e os produtores entram no vermelho. Pesquisa da Câmara Setorial Nacional da Cadeia Produtiva revela que para uma tonelada de raiz o agricultor gasta R\$ 110 para produzir e vende por R\$ 75. O preço mínimo para a Região Centro-Sul é bem mais baixo, de R\$ 54.

Área menor

A consequência mais imediata da crise é a redução da área plantada, justamente em um momento cujo cenário é de aumento na fabricação de farelo por parte da indústria. A indústria procura elevar a taxa de utilização da capacidade instalada, hoje ao redor de 60%. A solução pleitea-

da no momento ao governo é aproximar o preço mínimo do custo de produção, para evitar a continuidade do prejuízo e o abandono da atividade pelo produtor.

As projeções para a fécula são de queda na receita. O aumento na produção não compensa a queda no preço. O preço mínimo da fécula estipulado pelo governo federal é de R\$ 440/tonelada, enquanto no mercado, o produto está em média a R\$ 424/ tonelada sem impostos. As operações de Aquisição do Governo Federal (AGF), interrompidas em 2001, voltaram a acontecer.

Paraná na frente

Em 2005, a fabricação de fécula foi a terceira maior da história, atrás apenas da produção de 2001 e 2002,. O Paraná foi o maior estado produtor, com 64,5% do total nacional, seguido pelo Mato Grosso do Sul (19,5%), São Paulo (11,9%), Santa Catarina (3,9%) e pelo Ceará (0,2%).

Com limitada frente no exterior, o setor parece cético quanto à evolução do mercado interno, com consumo estagnado em 500 mil toneladas. A demanda poderia ser maior com a adoção de uma forte estratégia para exportação, suficiente para superar as barreiras tarifárias dos países importadores. A Tailândia é o maior exportador mundial, com participação de 75%.

Brasil: Receita, produção e preço da fécula de mandioca.

Ano	Receita (R\$ milhões)	Produção (mil toneladas)	Preço (R\$ por t FOB)
2004	R\$ 573,3	395,4	R\$ 1.451,00
2005	R\$ 410,0	546,5	R\$ 750,00
2006	R\$ 355,90	573,5	R\$ 620,00

Fonte: Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada)

Novos investimentos no setor

As indústrias processadoras de mandioca investem cerca de R\$ 50 milhões para a construção de cinco novas plantas no país. Esses novos empreendimentos ocorrem justamente num momento de fragilidade do setor, com capacidade industrial instalada ociosa e demanda estagnada há alguns anos.

A maior planta é da Goiamido, em Jaraguá (GO), da holandesa Kappe Intermediar BV, que processa amido na Europa, com aporte de R\$ 28 milhões.. Quase 90% da mandioca industrializada será de produção própria. A unidade tem capacidade para processar 700 toneladas de mandioca por dia.

A Amidos Pasquini, de Nova Esperança (PR), concluiu investimentos de R\$ 3 milhões para aumentar a capacidade de industrialização diária de mandioca de 120 para 400 toneladas .

O foco da maioria desses investimentos é o mercado externo, tendo em vista que o Brasil exporta anualmente apenas 15 mil toneladas de amido de mandioca.

O setor de papel tem sido o maior consumidor de amido de mandioca no país, usado no processo de branqueamento das caixas de papelão. As agroindústrias também usam amido para o processo de aglutinação de produtos embutidos. Há uma demanda crescente de amido nas indústrias de alimentos para produtos semi-acabados, mas ainda insuficiente para aproveitar a capacidade instalada das indústrias. ■